

A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS”

THE EXPERIENCE OF THE RESEARCH PROJECT

“MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS”

KATIA RUBIO | Professora associada da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Jornalismo, psicóloga, mestre em Educação Física e doutora em Educação pela USP. Pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Membro da Academia Olímpica Brasileira.

RESUMO

Considerando que a razão de ser dos Jogos Olímpicos são seus protagonistas, a saber, os atletas, buscar a trajetória dessas carreiras é o ideal da preservação da memória do esporte olímpico. O presente trabalho apresenta a pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros” onde é relatado as origens e o desenvolvimento de um método que se propõe registrar a memória dos protagonistas e encadear essas histórias individuais em núcleos de histórias coletivas.

Palavras-chave: olimpismo; estudos olímpicos; narrativas biográficas; história do esporte.

ABSTRACT

Considering that the *raison d'être* of the Olympic Games are their protagonists, the athletes, tracing their careers is what preserving the memory of the Olympic sport ideally means. This paper presents the research project “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, in which we describe the origins and the development of a method aiming to register the memory of protagonists and connect individual histories into groups of collective histories.

Keywords: olympism; olympic studies; biographical narratives; history of sport.

RESUMEN

Considerando que la razón de ser de los Juegos Olímpicos son sus protagonistas, a saber, los atletas, buscar el camino de estas carreras es el ideal de la preservación de la memoria del deporte olímpico. El presente artículo presenta la investigación “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, donde se relata los orígenes y el desarrollo de un método que tiene la intención de registrar la memoria de los protagonistas y encadenar estas historias individuales en núcleos de historias colectivas.

Palabras clave: olimpismo; estudios olímpicos; narraciones biográficas; historia del deporte.

INTRODUÇÃO

O que faz pessoas chegarem ao limite em busca de um movimento que pode eternizá-las pela conquista de um resultado medido em tempo, centímetros ou na superação numérica de um adversário? Embora a questão norteadora pareça pessoal e subjetiva ela está intimamente relacionada a um imaginário (Rubio, 2001) criado e desenvolvido ao longo do breve século XX (Hobsbawn, 1995; 1997), que se desdobra no presente em ações comerciais e institucionais que transformaram o esporte em um dos negócios mais rentáveis do planeta. Porém, por mais que se discutam as questões de ordem macroestruturais, esse processo é desencadeado pelo protagonista do espetáculo, o atleta.

O início da pesquisa “O atleta e o mito do herói” esteve focado no entendimento dos motivos que levam alguns jovens à prática esportiva, uma dinâmica que se aproxima com a trajetória do herói. Mais do que razões objetivas que mobilizam e levam pessoas a escolher esse estilo de vida é preciso entender as questões de ordem subjetivas e arquetípicas para a construção da identidade como atleta. Para tanto, busquei nos mitólogos Eliade e Campbell, na psicologia analítica de Jung e nas estruturas antropológicas do imaginário de Gilbert Durand as bases teóricas para essa compreensão. E uma questão de ordem objetiva se apresentou para a síntese dessas teorias: buscar as figuras de projeção para essa construção, a saber, os atletas do passado. Para os jovens e adultos entrevistados, era constante a presença e o feito de um atleta olímpico entre os motivos para a adesão à prática esportiva na infância.

Foi então que começou, em 2001, o projeto “Heróis olímpicos brasileiros” cujo objetivo era conhecer os desencadeadores do imaginário esportivo do país, ou seja, os medalhistas olímpicos de todos os tempos. A partir desse momento, o método utilizado anteriormente – as histórias de vida – tornou-se tão central ao projeto quanto os próprios sujeitos. Buscar, ouvir, registrar e também interpretar as narrativas tornou-se uma tarefa que exigiu a criação de uma dinâmica específica visando cartografar o esporte olímpico brasileiro pela ótica do atleta.

Por dois anos foram buscados e entrevistados todos os atletas que ganharam alguma medalha para o Brasil ao longo da história olímpica. De Guilherme Paraense até os medalhistas dos Jogos de 2000 foram 52 entrevistas, com atletas que deixaram suas marcas para a história, conquistando medalhas que seriam as referências para o desenvolvimento do esporte no país. Dessa pesquisa resultaram dois livros e a dúvida geradora da próxima pesquisa. Foi constatado ao longo daqueles dois anos de coletas de dados que embora as mulheres brasileiras participassem dos Jogos Olímpicos desde 1932 elas só foram conquistar as primeiras medalhas em 1996. Em busca da resposta para a questão sobre o que haveria ocorrido nesse processo foram gastos mais três anos de pesquisa, entrevistando as mulheres olímpicas brasileiras, ganhadoras ou não de medalhas.

Do projeto dos medalhistas para as mulheres, observou-se um acréscimo considerável do número de sujeitos entrevistados. De 52 entrevistas chegou-se a mais de 150, indicando que as histórias coletadas também apontavam para a construção de uma metodologia. Isso porque no princípio seguiram-se de perto os passos dos teóricos das histórias de vida (Bosi, 1994; 2003; Poirier et al., 1999) e da história oral (Meyer, 1998; Meihy; Holanda, 2010), para

então construímos um método próprio, já que as referências apontavam necessidades específicas voltadas para essa população.

As atletas olímpicas foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho como um todo, porque foi por meio delas que foi possível tomar contato com uma perspectiva sobre a qual pouco falaram os medalhistas: a derrota, a dificuldade de se chegar a um resultado positivo, apesar de todo o esforço e o trabalho realizado ao longo de anos e anos de treinamentos. E ao atentar para a relação número de participantes x medalhas foi possível perceber que o número de participantes é imensamente maior que o de vencedores. Mas, as mulheres também mostraram a exclusão velada que vivem as atletas, não apenas das situações de treinamento, mas também da direção e organização institucional do esporte, das posições de técnicas no alto nível e a relação disso com a forma particular como se deu o movimento feminista no país. Parte dessas discussões pode ser encontrada no livro *As mulheres e o esporte olímpico no Brasil*.¹ E foi a partir desse estudo que se chegou ao terceiro momento da pesquisa. As mulheres apontaram a necessidade de se buscar todos os atletas olímpicos que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos. A história do esporte olímpico no país é feita de todas essas presenças, em diferentes momentos, com distintos atores sociais e protagonistas. Ouvir essas narrativas e entendê-las permite um panorama ampliado das questões mobilizadoras do esporte brasileiro.

Foi preciso conhecer com detalhes os números implicados nesse universo.

DEFINIÇÃO DOS COLABORADORES

Foram considerados participantes desse projeto todos os atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos desde a primeira participação brasileira em 1920.

O Brasil esteve representado em vinte das 27 edições dos Jogos Olímpicos da era moderna, conquistando a primeira medalha olímpica em Antuérpia (1920). Até os Jogos de Londres (2012) o Brasil somou 108 medalhas. No total são 1.816 atletas entre modalidades coletivas e individuais. Desses foram contabilizados até o presente 314 falecidos e de 47 deles não se encontra qualquer tipo de informação que não a inscrição nas competições.

Para confirmação dessas informações, foi utilizado o acervo das principais instituições do esporte olímpico nacional e internacional, como o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Olímpico Brasileiro, que dispõem em seus sites os documentos que comprovam a participação de atletas em Jogos Olímpicos. Não foi preciso muito tempo para se constatar as divergências entre essas fontes, o que nos impediu durante muito tempo de precisar quantos atletas brasileiros foram efetivamente aos Jogos Olímpicos. Descobrimos então o site <<http://www.sports-reference.com>> com informações detalhadas dos atletas, mas que também divergia das duas outras fontes de que dispúnhamos.

Quando iniciamos efetivamente as entrevistas, as disparidades entre as fontes começaram a tomar forma: algumas se relacionavam aos atletas de modalidades de exibição consi-

¹ RUBIO, K. (org.). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

deradas por algumas fontes e não por outras, a atletas que chegaram a embarcar, se instalar na Vila Olímpica, mas que por alguma razão – política ou de saúde – foram obrigados a se desligar sem nem mesmo chegar a competir, a atletas que competiram e não se encontram registrados nos documentos e, por fim, a documentos oficiais que registram a participam de atletas que nem chegaram à vila olímpica. Ao acessarmos essas histórias o quadro de participantes começou a sofrer alterações.

A falta de acervos físicos para a pesquisa das fontes nos levou a buscar informações aonde elas pudessem existir. Nesse sentido, os jornais de época são documentos informativos preciosos. Não quero discutir a porção analítica ou interpretativa dos fatos esportivos relatados nos informativos de época, uma vez que o desafio maior da pesquisa é a busca e o encontro dos protagonistas do esporte olímpico brasileiro. O que os jornais nos proporcionam são os dados específicos sobre o embarque dos atletas para os Jogos Olímpicos e a participação, ou não, nas competições. Isso porque muitas das chamadas “fontes oficiais” apresentam erros por tomarem como base os documentos de inscrição apresentados pelas confederações nacionais ou o Comitê Olímpico Brasileiro, mas desconsideram intercorrências que levaram ao desligamento de alguns atletas e à convocação tardia de outros. Desse modo, investigar os diversos jornais dos dias que antecedem, decorrem e sucedem os Jogos Olímpicos nos permitiram avaliar as ausências ou mesmo o surgimento de nomes que não constavam de princípio nos documentos ditos oficiais. A digitalização dos acervos físicos das bibliotecas facilita essa busca, uma vez que não se faz necessário o deslocamento físico para a consulta.

Outro elemento que chama a atenção é a proliferação de dados equivocados. Com a ampliação dos meios eletrônicos e a falta de cuidado na divulgação de informação temos, em alguns casos, a multiplicação de erros que comprometem a veracidade de um fato. Quando uma instituição apresenta uma informação em seu site oficial, essa informação torna-se referência para pesquisas e divulgações futuras. Daí a necessidade de se pesquisar à exaustão qualquer ocorrência antes de transformá-la em notícia.

A situação mais exemplar que temos até o momento é o caso do olímpico do futebol Paulinho de Almeida. Em uma busca rápida associando esse nome com a palavra atleta + olímpico + futebol chegamos, por exemplo, ao Wikipedia, fonte das mais utilizadas para buscas. E lá se encontra:

Paulo de Almeida Ribeiro (Porto Alegre, 15 de abril de 1932 – São Paulo, 11 de junho de 2007) foi jogador e treinador de futebol, também conhecido como Paulinho de Almeida [...]. Paulinho era um lateral-direito técnico, com ótimo domínio de bola e forte na marcação. Começou no time amador do Partenon, nome de um bairro de Porto Alegre. Em 14 anos de carreira profissional, jogou em apenas dois clubes: o Internacional de Porto Alegre e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro. [...] Em 1954 foi negociado com o Vasco por oitocentos mil cruzeiros, numa das maiores transações esportivas ocorridas no país, na época.

Talvez um pesquisador um pouco afoito tenha feito essa busca e associado o nome do atleta ao momento em que ele jogou, escalando-o para jogar na edição olímpica de 1952.

E esse equívoco reproduzido à exaustão plasmou-se verdade encobrindo o verdadeiro Paulinho que foi a Helsinque e permaneceu no banco de reservas por toda a competição, fato que o apagou da súmula da Fifa, dos anais do COI e dos Sports Reference. E aqui está a história do Paulinho Almeida olímpico resgatada a partir de um feliz encontro com uma postagem em uma rede social de um sobrinho que comentava uma notícia a respeito de um fato ocorrido no Flamengo há poucos anos atrás:

Paulo de Almeida nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 1933. Foi revelado pelo Goytacaz e depois se transferiu para o Flamengo, onde se destacou nos aspirantes em 1951. Participou da seleção que foi aos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952. Participou do tricampeonato carioca de 1953, 1954 e 1955 e foi para o Palmeiras em 1959 onde sagrou-se campeão paulista. Jogou na Argentina pelo River Plate e pelo Estudiantes de La Plata e no final de sua carreira jogou na Venezuela e no Equador. Vivia em Atafona, no Rio de Janeiro, quando faleceu em 9 de novembro de 2013 aos 80 anos.

Essa é uma mostra de como é necessária a pesquisa sobre as informações que levam aos atletas olímpicos e aos fatos protagonizados por eles, tanto na sua trajetória esportiva como nos momentos que antecedem e sucedem a chegada aos Jogos Olímpicos, situação que em alguns casos promove uma espécie de imortalização do sujeito.

A apresentação dos participantes, seja na condição de procurado ou entrevistado, levou a busca de modelos de organização que não se conhecia. Embora os programas de bancos de dados sejam eficientes, a apresentação gráfica deles é tão fundamental para o avanço do projeto quanto as fontes para a busca dos sujeitos. Além disso, essa representação oferece uma visualização imediata do andamento da pesquisa. Foram então desenvolvidos “gráficos” por modalidade esportiva, constituindo universos próprios de busca e análise.

A busca pelos atletas envolveu contatos já estabelecidos anteriormente e por meio deles foram iniciadas as entrevistas. Constatou-se a importância e efetividade das redes sociais para acesso aos atletas (google, facebook, twitter e linkedin) e para divulgação da pesquisa, o que facilitou o contato inicial com vários deles, inclusive aqueles que moram ou jogam fora do país. Ainda assim não foram desprezados recursos como lista telefônica e contato com instituições que de alguma maneira demonstravam alguma proximidade com os atletas. Isso também levou à criação de uma página no facebook para o projeto, onde foi postado o cotidiano da pesquisa, as buscas, as dificuldades, facilitando o entendimento para aqueles que ainda não sabiam da existência do trabalho. Nessas circunstâncias, afirma-se o procedimento de rede, onde um narrador torna-se a fonte de um próximo, gerando tantos contatos quantos necessários para se chegar a fechar um universo.

O programa base para a organização dos dados foi o Access de onde eram geradas as planilhas com tudo o que pode ser coletado, antes e depois da entrevista.

Embora a pesquisa tivesse caráter eminentemente qualitativo, o fato de se trabalhar com a totalidade da população envolvida tornou-a quase um senso do esporte olímpico brasileiro.

ro. Essa possibilidade foi-se revelando na medida em que se avançou na coleta das narrativas e foi possível o acesso, a partir dos protagonistas do esporte olímpico brasileiro, aos dados necessários e fundamentais sobre como se deu o desenvolvimento dos atletas em suas respectivas modalidades.

E assim foram coletados dados como local e data de nascimento, nível socioeconômico, onde e quando iniciou a prática esportiva, que clubes defendeu, com quantos anos participou pela primeira vez da seleção nacional, quem foram os primeiros professores/técnicos, como foram as experiências como atleta olímpico, em que momento da história do esporte defendeu o país, que percepção teve do amadorismo (ou do profissionalismo), de que forma as questões institucionais atravessaram sua vida, no caso das mulheres, se viveram algum tipo de preconceito ou discriminação, idem para os negros, como foi a condução dos estudos ao longo da carreira, a relação com a mídia tanto na fase do amadorismo como do profissionalismo, como se deu a transição de carreira para aqueles que já são pós-atletas, a relação com a dor e a vida presente para aqueles que já não mais competem e outros temas de ordem mais pessoal.

Desde a primeira entrevista, todas as histórias narradas pelos atletas foram gravadas em vídeo e o convite norteador foi: “por favor, me conte sua história de vida”. E então, a depender do atleta e de sua trajetória, a entrevista teve duração entre 15 minutos a oito horas. Depois de gravadas, essas entrevistas foram transcritas e agora resultam em uma multiplicidade de “produtos” como dissertações e teses, livros, roteiros de filmes, argumentos para programas jornalísticos e um Centro de Memória.

O acesso aos dados sobre os atletas falecidos, tarefa aparentemente fácil, demanda até o momento atenção. A ausência de registros oficiais do esporte brasileiro dificulta o paradeiro daqueles que deixam de ser competitivos, tornando a tarefa de busca pelos falecidos exaustiva e incerta. Nesse sentido, uma vez mais o trabalho em rede facilita a confirmação de informações com os colegas da mesma geração. E no caso específico dos falecidos são utilizadas então informações secundárias como depoimentos de familiares, amigos, colegas de geração, técnicos, árbitros, acervos de clubes, jornais de época e outras informações geradas pelos meios de comunicação.

Entendo que a principal, senão maior, contribuição dessa pesquisa para os estudos olímpicos no Brasil é a apresentação de possíveis temários para futuras pesquisas. Isso porque não seria possível esgotar em uma só publicação todos os temas que emergiram das narrativas, o que só reforça o desejo de continuar perseguindo esse tema e essa metodologia. As discussões apresentadas a seguir refletem as questões mais comuns aos atletas de forma geral, sem separá-los por categorias como modalidades, geração ou região, tarefa que já está sendo realizada e que poderá ser encontrada em publicações futuras.

AS HISTÓRIAS DE VIDA: O GRANDE ACERVO

Desde que iniciei os estudos sobre a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros fiz uso das histórias de vida como método e como instrumento.

Essa questão tem sido discutida há algum tempo (Rubio, 2001; 2003; 2004; 2007; 2011; 2013) desde que observei a importância da história de vida, que se apresenta na forma de narrativa, na qual um atleta narra sua existência através do tempo, associando-a aos acontecimentos históricos de quando competia, do esporte de maneira geral e de sua modalidade esportiva em específico. Se o discurso e sua narrativa constituem-se como um dos pilares para a compreensão das histórias de vida, o desenrolar temporal dessa narração se apresenta como outro elemento fundamental na organização da memória que emerge como história e na apresentação dos elementos constitutivos daquilo que chamamos de imaginário esportivo. Outros estudos foram desenvolvidos posteriormente com atletas olímpicos adotando-se a mesma metodologia, como os de Dantas (2012), Giglio (2013), Lima (2012), Nascimento (2012), Nunes (2011), com algumas variações.

A importância da discussão sobre as histórias de vida se dá em função dos relatos orais terem se constituído como uma técnica qualitativa por excelência. A história de vida não está obrigada pelo ritmo e acontecimento da história cronológica. É uma forma particular de história oral, que interessa ao pesquisador por captar valores que transcendem o caráter individual do que é transmitido e se insere na cultura do grupo social ao qual o ator social que narra pertence. Emergem dessa narrativa os acontecimentos considerados significativos na trajetória de vida pessoal ou do grupo ao qual o indivíduo pertence, cabendo ao pesquisador perceber o que ultrapassa o caráter individual do que é relatado e o que está inscrito na coletividade à qual o narrador se insere.

Bosi (2003, p. 31) afirma que a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam por meio de índices comuns: “são configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

O conceito ‘história oral’ é para Queiroz (1988) um termo amplo que abrange uma vasta quantidade de informações a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. O registro dessa história é feito por meio de entrevistas e colhe a experiência de um único indivíduo ou de diversas pessoas de uma mesma coletividade. A entrevista pode captar a experiência efetiva dos narradores, além de colher tradições e mitos, narrativas de ficção e crenças existentes no grupo. Além disso, a história oral é para Cruikshank (2002) também um campo privilegiado de encontro entre a história e a antropologia na busca das categorias culturais, de cosmologias e simbólicos fugindo ao controle disciplinado dos registros escritos.

Ciente das críticas feitas ao método biográfico por ser apresentado como ‘individual’, Ferrarotti (1983) aponta que essa afirmação é um erro grosseiro, na medida que considera o indivíduo enquanto um ‘átomo social’. Para o autor, o indivíduo é uma síntese complexa de elementos sociais que pode ter seus elementos constitutivos captados a partir de uma perspectiva de agente de uma totalidade social.

Assim como em outras metodologias das ciências humanas, o papel do pesquisador-entrevistador na condução da coleta da narrativa é reconhecido como fundamental. Durante a interação, na formulação das perguntas ou na busca dos episódios que podem oferecer a

compreensão de eventos relatados, a atitude de ouvinte atento e respeitoso, mas curioso, do pesquisador pode determinar a adesão do ator ao projeto.

O relato em si traz o que o narrador considera importante em sua trajetória dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento. Essa atitude reflexiva permite a reexperimentação de situações passadas, não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter (ou subverter) a narrativa obedecendo a uma cronologia própria da afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto um contexto (Meihy; Holanda, 2010; Meihy, 2005).

O emprego de testemunhos como representação da memória, a confrontação entre um relato e uma recordação pessoal ou coletiva, sejam estes entendidos como elaboração natural ou como construção política, em determinados momentos ou circunstâncias, são responsáveis por uma série de condições, opções ou intenções e também de necessidades ordenadas e codificadas a partir de interesses específicos. O que se busca então é encontrar a origem e o fio condutor dessas representações com a finalidade de compreender ou descobrir as razões ocultas ou as mazelas do processo (Meyer, 1998).

Bosi (1994) aponta que a veracidade do narrador não se constitui uma preocupação e afirma ainda que as consequências de seus erros e lapsos são menos graves que as omissões da história oficial.

Avanços e recuos marcam a narração das histórias de vida, e a ausência de cronologia ou de uma sequência lógica na apresentação dos fatos pode constituir indícios que permitirão a formulação de inferências sobre a importância pessoal dos episódios narrados. Nessa lógica, além do conteúdo envolvido no discurso das histórias de vidas temos a forma como elas são expressas perpassadas pela gramática, pela semântica e pela melodia da narração, colaborando para a sua complexidade.

Nesse sentido, Souza (1997) afirma que onde quer que as pessoas vivam suas relações acabam construindo, a partir daí, sua consciência e identidade social e, por isso, representam o que são por meio das histórias que contam. Isso pode significar que uma narrativa repleta de detalhes representa a valorização de experiências passadas mesmo que em contextos menos favorecidos.

Poirier et al. (1999, p. 38) entendem que nesse método o investigador tentará encontrar o *ele*, o campo exterior da personalidade, a envolvente do narrador num momento dado, ou seja, "aquele a quem atribuiu um valor pessoal (dando-lhe assim uma existência em si e fora de si)". Dessa forma, a história de vida é considerada não como um produto acabado, tal como é geralmente apresentada, mas como uma matéria-prima sobre a qual, e a partir da qual, se tem de trabalhar.

Além disso, a narrativa aqui é tomada como linguagem com base na dimensão adotada pelos estudos culturais (Hall, 2000; 2001; Woodward, 2000), tida como uma posição privilegiada na construção e circulação do significado, conforme Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003), Silva (2000) e Veiga-Neto (2000). A linguagem aqui não se restringe apenas ao relato ou à transmissão com neutralidade dos significados que passou a constituí-los. Dessa forma, os chamados fatos naturais, também denominados realidade, são tomados como fenôme-

nos discursivos, cujos significados surgem a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos. Assim, o discurso não é entendido no seu aspecto linguístico ou como um conjunto de palavras, mas como um conjunto de práticas que produzem efeitos no sujeito.

Nessa perspectiva, tudo o que se pensa ou se diz da realidade é um reflexo e uma projeção da experiência vivida como real, independente da afirmação dessa realidade exterior ao sujeito e dos sentidos que são dados a ela. Isso representa a existência de uma materialidade conectada com o que se pensa e se diz, ligada ao discurso. Embora a realidade seja intangível, sabe-se que existe e que está conectada com a representação que se tem dela.

A apresentação de histórias de vida não tem finalidade terapêutica, ainda que durante a narrativa o autor se veja numa condição de reflexão que permita reelaborar acontecimentos que determinaram a condução de sua vida. A forma como o narrador se coloca diante dos fatos lembrados e a linguagem utilizada para descrever esses fatos permitem ao pesquisador fazer as inferências e interpretações cabíveis sobre a importância do acontecimento relatado e dos elementos do imaginário aí contidos.

A TEMPORALIDADE E A NARRATIVA

Nessa pesquisa, a questão desencadeadora da narrativa não é uma pergunta, mas um convite em que o sujeito é solicitado a contar sua história. A reação subsequente já indica pontos para a análise. Isso porque alguns iniciam suas narrativas pelos pais, local e data de nascimento; outros por sua iniciação esportiva, uma vez que já foi anunciada a intenção da pesquisa sobre sua trajetória olímpica; há ainda aqueles que, mesmo tendo recebido essa informação, uma vez mais questionam: “minha história de vida, ou minha história de vida no esporte?”.

Não bastasse isso, a organização do discurso também remete a outras possíveis interpretações, visto que ela pode se dar de forma linear ou cíclica.

O tempo cíclico relaciona-se com a recursividade presente em eventos que se alternam e se repetem, determinando prazos capturados pelo tempo linear. Assim as estações do ano, marcadas pelo frio ou calor, chuva ou sol, que se repetem incessantemente a milênios, mas que os calendários do tempo linear definem em dias e meses precisos em cada um dos hemisférios. O mito indica sua condição cíclica do tempo, ainda que o tempo seja quase sempre visto como um elemento linear, em que ao nascer o sujeito traça uma linha e por ela segue até chegar à morte, numa noção de *continuum*, onde se tem também a concepção daquele tempo que parece nunca se esgotar, transformando-se na medida em que se reveste de significado.

É nesse sentido que Pannikar (1994) afirma que a consciência simbólica é tanto diacrônica quanto sincrônica. É uma consciência de tempo que não é do “hoje, amanhã ou depois”. Quando um ser se projeta no futuro e cria, fala; quando o ser volta ao passado e reflete, pensa. Isso quer dizer que o falar e o pensar não são, conjuntamente, essa manifestação do ser sincrônica e diacrônica de cada vez.

A concepção linear (ou aberta) do tempo, segundo Mazzoleni (1992), caracteriza a moderna cultura ocidental e foi a chave teológica para identificar a realidade religiosa hebraico-cristã como um *unicum* cultural; já a concepção cíclica (ou periódica), própria do mundo antigo, da sociedade do alto-medieval, das civilizações orientais e das classes rurais, está relacionada com os chamados primitivos e orientada pelos mitos de fundação e pelos ritmos cósmicos, contrapondo-se a um tempo histórico. Para o autor, essas duas concepções de tempo são consequência dos estudos antropológicos das primeiras décadas do século XX (E. Webster, H. Hubert, M. Mauss, G. Dumézil) e prosseguem na atualidade divididos em dois expoentes: os *antimodernistas* (tempo cíclico, mítico) como Pettazzoni, De Martino, Brelich e Lanternari; e os *fideístas* (tempo linear, histórico) como Triulzi, Miller, Papagno. Ainda que, teoricamente, estejam divididos em dois grupos, pode-se também encontrá-los pertencentes a correntes 'histórico-comparadas' (que se contrapõe ao 'irrationalismo etnológico' de Eliade); cognitivistas (próximos do pensamento analógico de Lévi-Strauss); dialéticas (interessam-se pela relação tempo mítico/tempo histórico). A diferença básica na concepção dessas duas modalidades de tempo está na 'consciência histórica', ou seja, para as sociedades que operam numa contínua desistoricização do real por meio do mito e do rito, opera o tempo da previsibilidade e da segurança, oferecido pelo ciclo astronômico e sazonal; já onde há o desenvolvimento dos meios de produção, a sedentarização, o crescimento dos centros urbanos e da articulação social, constituindo um Estado de direito, há a emersão para a consciência do sentido do tempo em direção ao futuro que é próprio de uma cultura histórica.

A perspectiva histórico-antropológica de tempo busca situar o ser humano enquanto sujeito histórico, o que não implica uma depreciação das culturas orais ou uma sobrevalorização daqueles que ofereceram os paradigmas históricos aos 'povos civilizados'. Acredita-se que o tempo sagrado se associa ao tempo profano constituindo a visão global que nossa cultura possui hoje sobre a dimensão do tempo.

Diante dessa ordem, o ser humano desenvolveu a memória e a hereditariedade. Na memória estão implicadas mais que a presença e a soma total de resíduos de vivências ocorridas, supondo um processo de reconhecimento e identificação, não bastando que fatos ocorridos se repitam. É preciso que sejam ordenados, localizados e relacionados com diferentes pontos no tempo, implicando, necessariamente, o conceito de uma ordem serial, correspondendo ao plano espacial.

Cassirer (1977, p. 89) afirma que no homem não se pode descrever a lembrança como o simples retorno de um acontecimento, como uma imagem enevoadada ou a reprodução de impressões anteriores.

Não se trata unicamente de uma repetição, senão de um renascimento do passado, supõe um processo criativo e construtivo. Não basta recolhermos dados isolados da nossa experiência passada; precisamos realmente recordá-los, organizá-los, sistematizá-los e reuni-los num foco de pensamento. Esta espécie de recordação nos dá a forma humana característica da memória e a distingue de todos os outros fenômenos da vida animal ou orgânica.

Portanto, a memória simbólica seria o processo pelo qual o indivíduo se situa num tempo não linear, indo além da repetição de uma experiência vivida; ele a reconstrói, fazendo da imaginação o elemento necessário para a verdadeira recordação.

CONCLUSÃO

Diante dessas considerações seria possível dizer que a criação temporal é subjetiva e se desenvolve ao longo da vida do sujeito, levando consigo os registros armazenados na trajetória de sua história de vida.

Diante das várias considerações feitas sobre o tempo e seu significado subjetivo e social, é possível, então, reconhecer a dimensão que o relato de história de vida adquire tanto para o narrador como para o pesquisador. Passível de ser analisada em uma perspectiva linear ou cíclica, dela se podem extrair elementos históricos coletivos, e também individuais, capazes de compor uma cartografia do sujeito e do grupo ao qual ele pertence e das transformações significativas ocorridas ao longo dessa trajetória.

Vale destacar que na preparação para a coleta das narrativas foram buscadas outras fontes relacionadas à história e ao desenvolvimento do esporte no Brasil, como biografias, livros e jornais de época, programas de rádio e de TV, fotos, acervos de família. Essa busca permite a imersão o mais profunda possível em um objeto caracterizado por sua multidimensionalidade.

É importante esclarecer que a busca por essas outras fontes tem por intuito não confrontá-las, mas, sobretudo, ampliar as informações a respeito de um determinado acontecimento ou personagem. Essa triangulação gera diferentes versões sobre o mesmo fato, indicando que uma ocorrência pode ter tantas versões quanto houver protagonistas a participar dela. E que a única verdade que se pode comprovar é aquela cujo resultado objetivo gerou algum ganho em forma de premiação, como, por exemplo, uma medalha ou um recorde. Independentemente do resultado, porém, há o processo, esse sim sujeito a inúmeras interpretações, pois vinculado a uma vasta gama de interpretações que o narrador é capaz de produzir. Nesse caso, nem sempre o atleta que surge como herói para os meios de comunicação é o mesmo que narra os desgostos e desencantos para se chegar à conquista.

Há ainda situações em que dois ou mais atletas, que participaram de uma situação transformadora para o esporte, narram sob diferentes pontos de vista o ocorrido, apontando caminhos distintos e desdobramentos do mesmo fato, dando a impressão de que falam de pessoas e momentos absolutamente diversos uns dos outros.

E é essa multiplicidade de impressões que um trabalho com narrativas de vida busca resgatar. Afinal, depois de tantos depoimentos, descobre-se que a verdade não existe, e que a história quase sempre foi escrita por aqueles que ganharam “a guerra”, deixando aos derrotados a condição do esquecimento ou da vilania.

Referências bibliográficas

- BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- DANTAS, M. S. M. D. *Narrativas de envelhecimento a partir dos sentidos atribuídos por atletas olímpicos*. 2012. Tese (Doutorado), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2012.
- FERRAROTTI, F. *Histoire et histoires de vie*. Paris: Librairie des Meridiens, 1983.
- GIGLIO, S. S. *COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos*. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GUARESCHI, N. M. F.; MEDEIROS, P. F.; BRUSCHI, M. E. Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, N. M. F.; BRUSCHI, M. E. (org.). *Psicologia social nos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOBBSBAWN, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA, D. A. *Técnico-mestre e atleta-herói: leitura simbólica dos mitos de Quíron e do herói entre técnicos de voleibol*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MAZZOLENI, G. *Planeta cultural: para uma antropologia histórica*. São Paulo: Edusp, 1992.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEYER, E. Desconstrucción de la memoria, construcción de la historia. *Historia, antropología e fuentes orales*, n. 19, 1998.
- NASCIMENTO, P. H. *Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- NUNES, A. V. *A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais*. 2011. Tese (Doutorado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PANNIKAR, R. Símbolo y simbolización. La diferencia simbólica. Para una lectura intercultural del símbolo. In: KERÉNYI, K.; NEUMANN, E.; SCHOLEM, G.; HILLMAN, J. *Arquetipos y símbolos colectivos*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- POIRIER, J.; VALLADON, S. C.; RAYBAUT, P. *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta, 1999.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. (org.) *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1988.

RUBIO, K. *Atletas do Brasil olímpico*. São Paulo: Kazuá, 2013.

_____. A cordialidade feminina no esporte brasileiro. In: RUBIO, K. (org.). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. *Medalhistas olímpicos brasileiros: histórias, memórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. *Heróis olímpicos brasileiros*. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. A história de vida como método e instrumento para apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. *Motus Corporis*, v. 11, p. 9-21, 2003.

_____. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e a diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, E. F. *História de vida: a memória resgatada através da atividade corporal*. *Motus Corporis*, v. 4, n. 1, p. 27-41, 1997.

VEIGA-NETO, A. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades... In: AZEVEDO, J. C. (org.). *Educação e utopia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 22/5/2014

Aprovado em 30/5/2014